



# Atmosfera

**Uma História de Amor**

**TAYLOR  
JENKINS REID**

AUTORA DE OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO E DAISY JONES & THE SIX

TOP  
SEL  
LER

*Para Paul Dye, o diretor de voo  
com mais anos de serviço na NASA  
e autor de Shuttle, Houston.*

*Paul, percebo agora como orientou tantas  
tripulações de volta a casa em segurança.  
Este livro não existiria sem si.*

## NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Uma noite, no verão passado, depois de a minha filha se ter ido deitar, fui para a rua, olhei para o céu noturno e vi Vénus lá ao longe.

Estava mais brilhante do que qualquer outra estrela, pairando mesmo por cima das árvores. Eu e a minha filha andávamos a tentar ver Vénus havia já alguns dias. Eu sabia que devia deixá-la adormecer, mas, em vez disso, entrei de fininho no quarto dela, abri a porta e sussurrei:

— Anda cá fora.

Quando chegámos ao jardim das traseiras, peguei-lhe ao colo. Ela já está demasiado grande para que a peguem ao colo, mas ainda me deixa fazê-lo quando está ensonada. Apontei para Vénus à nossa frente.

— Ali está ele! — disse ela. — Estou avê-lo.

Assim, por breves instantes, fiquei com ela ao colo e fitámos as duas o céu noturno, cheias de admiração.

Antes de escrever este romance, mal conseguia reconhecer a Ursa Maior, mas queria fazer da minha personagem principal, a Joan, uma astrónoma apaixonada e entusiasta. Por isso, descarreguei uma aplicação, peguei alguns livros e comecei a estudar as estrelas. O que começou por ser uma tentativa de criar um cenário interessante para

uma história de amor desencadeou o início da minha compreensão do meu lugar no mundo.

A verdade é que, quando começamos a observar o céu noturno, passamos a orientar-nos no tempo e no espaço. Por exemplo, aprendemos que, no Hemisfério Norte, se conseguirmos ver a Cintura de Orión, é inverno. Podemos, também, ficar com uma ideia geral das horas através da posição da constelação Cassiopeia em relação à Estrela Polar. Aquilo que mais gostei de aprender? Se conseguirmos ver as estrelas Altair, Deneb e Vega no verão, veremos que formam um triângulo. E esse triângulo aponta sempre para sul. Se alguma vez estiverem perdidos, podem procurar essas três estrelas e ficarão a saber para que lado devem ir.

Há algo nessa certeza que parece sempre curar o que me alige quando eu e a minha filha vamos para a rua à noite. Sei que parte dessa sensação é simplesmente a alegria de passar tempo com ela e talvez a emoção de adquirir novos conhecimentos, mas penso que é também o alívio que sinto pelo facto de aquelas estrelas serem *inamovíveis*.

Não há nada que nenhum de nós possa fazer para as alterar. Elas são muito maiores do que nós. E não mudarão ao longo das nossas vidas. Podemos ter sucesso ou falhar, acertar ou errar, amar e perder aqueles que amamos, e ainda assim o Triângulo de Verão continuará a apontar para o sul. Dessa forma, sei que tudo vai ficar bem — por mais impossível que isso possa parecer às vezes.

Espero sinceramente que gostem desta história. Mas espero ainda mais que a Joan Goodwin consiga convencer-vos a sair para a rua hoje à noite, quando as estrelas começarem a aparecer, e a *olhar para cima*. Desejo do fundo do meu coração que a Joan vos convença a estarem abertos à admiração.

*Taylor Jenkins Reid*

## 29 DE DEZEMBRO DE 1984

Joan Goodwin chega ao Centro Espacial Johnson muito antes das nove, e Houston já está abafada e sufocante. Joan sente o suor a acumular-se ao longo da linha do cabelo enquanto atravessa o *campus* até ao edifício do controlo de missão. Ela sabe que é do calor. Mas também sabe que não é só isso.

O seu trabalho neste dia é uma das suas partes favoritas de ser astronauta. Ela é a CAPCOM na equipa do voo Oríon para o STS-LR9, o terceiro voo do vaivém *Navigator*.

O papel de CAPCOM, a única pessoa no controlo de missão que fala diretamente com a tripulação do vaivém, é um dos muitos papéis que os astronautas desempenham quando não estão em missão.

Isto é algo que Joan tem frequentemente de explicar às pessoas nas raras ocasiões em que aceita ir a uma festa. É verdade que os astronautas treinam para ir para o espaço, mas também ajudam a conceber os instrumentos e as experiências, a testar a comida, a preparar o vaivém, a instruir os jovens sobre o que a NASA consegue fazer, a defender, em Washington, a realização de viagens espaciais, a falar com a imprensa e muito mais. É uma lista muito cansativa.

Ser astronauta não é só chegar lá acima. É ser um membro da equipa que leva a tripulação até lá acima.

Além disso, Joan já lá esteve. Em casa, na sua mesa de cabeceira, tem aquele talismã esquivo que todos os astronautas ambicionam: o pin de ouro. A prova de que foi um dos poucos seres humanos a ter sido escolhido para sair deste planeta.

Ela viu o espetacular azul cintilante dos sete oceanos a trezentos e vinte quilómetros de distância. *Cerúleo?* *Cobalto?* *Ultramarino?* Não se lembrava de nenhum tom suficientemente vívido para o descrever. Noventa e nove vírgula nove por cento dos seres humanos que alguma vez viveram nunca viram aquele azul. E ela já o tinha visto.

Mas agora está em casa, com os dois pés em terra firme, e tem uma tarefa a cumprir.

Portanto, quando Joan entra no edifício do controlo de missão nessa manhã, com um café simples na mão, está tranquila. Não se sente ansiosa, nem aterrorizada ou com o coração partido.

Tudo isso virá mais tarde.

Joan entra na sala de controlo de missão através da sala de operações. Observa, durante alguns instantes, a equipa do turno anterior a preparar dois dos especialistas de missão para o seu passeio no espaço.

O seu chefe — o diretor de voo da missão Orión, Jack Katowski — já lá está, a receber instruções do seu anterior diretor de voo.

Jack tem um corte à escovinha, têmporas grisalhas e a reputação de ser *particularmente estoico*, mesmo numa organização conhecida pelo seu estoicismo.

No entanto, há muito que apoia Joan no seu papel de CAPCOM. E fazem uma boa equipa. Isso é algo de que Joan se orgulha. O facto de ser excelente a trabalhar em equipa.

Especialmente com a tripulação do STS-LR9, que é composta quase inteiramente por astronautas da sua turma.

O comandante Steve Hagen fora um dos seus instrutores, mas os restantes membros da tripulação — o piloto Hank Redmond e os especialistas de missão John Griffin, Lydia Danes e Vanessa Ford — são as pessoas que Joan encontrou quando aqui chegou, com quem treinou e aprendeu a fazer este trabalho.

São mais do que apenas seus amigos; alguns são a sua família. E as histórias complicadas que ela já viveu com cada um deles são parte do que vai fazer dela a CAPCOM perfeita de que precisam hoje, mas também a última pessoa que deveria ter de desempenhar essa tarefa.

A missão do vaivém é lançar o Arch-6, um satélite de observação da Terra para a Marinha dos EUA. No entanto, no dia anterior, o segundo dia de voo, quando a equipa se preparava para lançar o Arch-6, os trincos de retenção da carga não se abriram.

Esta manhã, estiveram a preparar Vanessa Ford e John Griffin para um passeio no espaço, de modo a poderem entrar no compartimento de carga e abrir os trincos manualmente.

Joan junta-se à equipa no centro de controlo de voo. Cumprimenta com um aceno de mão Ray Stone, o médico aeroespacial, e com um aceno de cabeça Greg Ullman, também conhecido como EECOM — gestão elétrica, ambiental e de consumíveis.

O anterior CAPCOM, Isaac Williams, põe-na a par, atualizando-a sobre a telemetria e a linha temporal. Ford e Griff já vestiram os seus fatos espaciais. O processo de pré-respiração estará concluído dentro de seis minutos.

Isaac sai e Joan assume o seu lugar na consola.

Jack entra no circuito de voo — bem como Joan, Ray, Greg e o resto da equipa de voo Oríon, composta por vinte membros, cada um nos seus postos em terra, com uma equipa de pessoas noutras salas a apoiá-los.

Ford e Griff completam o processo de pré-respiração e entram na câmara de despressurização, ficando a aguardar que esta complete o processo para estarem prontos a funcionar no espaço.

O convés de voo e o convés intermédio, onde os astronautas vivem e trabalham no vaivém, têm uma pressão que imita a atmosfera da superfície terrestre. Mas o compartimento de carga, onde os satélites são guardados até serem lançados, não tem a mesma pressão. Está exposto ao vácuo do espaço. O que significa que, se Ford e Griff entrassem no compartimento sem os fatos espaciais, todo o oxigénio ser-lhes-ia sugado dos pulmões e da corrente sanguínea de modo instantâneo, fazendo com que desmaiasssem em quinze segundos e morressem em dois minutos.

O corpo humano — por muito inteligente que seja — foi formado em resposta à atmosfera terrestre.

Seria fácil argumentar que os seres humanos estão mal equipados para passearem no espaço. *Independentemente do que tenha motivado a forma como fomos concebidos, para isto não foi de certeza.* Mas Joan vê exatamente o oposto.

A inteligência e a curiosidade humanas, a nossa persistência e resiliência, a nossa capacidade de planeamento a longo prazo e a nossa aptidão para colaborarmos conduziram a raça humana até aqui.

Na opinião de Joan, não estamos, de todo, mal equipados. Somos precisamente quem deveria estar no espaço. Somos a única forma de vida inteligente que conhecemos na nossa galáxia que tomou consciência do Universo e trabalhou para o compreender.

Estamos tão empenhados em compreender o que está para lá do nosso alcance, que descobrimos uma forma de fazer um foguetão sair da atmosfera. Uma capacidade emocionante que parece indicada para atrair cowboys, mas que é mais adequada para pessoas como ela. *Nerds.*

Tudo o que está envolvido na exploração espacial tem que ver com preparação e não com impulsividade, calma e não ousadia. Sendo um trabalho tão aventureiro, consegue ser dolorosamente rotineiro. Todos os riscos são cuidadosamente calculados; não se apanham atalhos. Aqui não há cowboys.

É assim que a NASA mantém toda a gente em segurança. Modelos previsíveis, preparados para todos os cenários.

Quando a câmara termina a despressurização, Jack dá autorização a Joan e esta entra no circuito do vaivém.

E agora Joan tem consciência da sua própria respiração, do seu próprio ritmo cardíaco. Não por ter medo do que esta missão implica — ainda não há nenhuma razão lógica para ter medo —, mas porque fica nervosa sempre que fala com Vanessa Ford.

— *Navigator*, daqui é Houston — diz Joan.

— Houston, estamos a ouvir — diz Steve Hagen.

Hank Redmond entra em cena com o seu áspero sotaque texano:

— Bom dia, Goodwin.

— Hoje é um dia entusiasmante — diz Lydia Danes.

— É mesmo — responde Joan. — Com muita coisa na agenda, e é por isso que tenho o prazer de vos dizer, Griff e Ford, que estão autorizados a fazer o passeio no espaço.

— Entendido — diz Ford.

— Sim, entendido, Goodwin — diz Griff. — É bom ouvir a tua voz. Estes são os últimos quarenta e cinco minutos *anteriores*.



Vanessa Ford anda com sensores biomédicos espalhados pelo corpo há horas. Estes enviam os seus sinais vitais ao médico aeroespacial, que lhe monitoriza cada inspiração. Mas mesmo muito antes de os elétrodos terem sido colocados no seu corpo, Vanessa já estava consciente de que alguém em terra está sempre a observá-la.

O controlo de missão sabe tudo o que acontece no vaivém — cada temperatura, cada coordenada, o estado de cada interruptor. Para onde quer que Vanessa se vire, lá está Houston, a ouvir e a detetar tudo à sua volta.

Isto não parece incomodar os outros membros da tripulação tanto quanto a incomoda a ela. Mas saber que todos conseguem ver o seu ritmo cardíaco — que conseguem observar a forma como o seu corpo reage sempre que Houston fala — fá-la sentir que não tem onde se esconder.

— Também é bom ouvir a tua voz, Griff — diz Joan. — Bom começo de dia por aqui.

Ela consegue ouvir Joan a sorrir. Consegue ouvir o sorriso no tom da sua voz.

Vanessa estica o braço e pousa as mãos enluvadas na escotilha da câmara de despressurização que dá acesso ao compartimento de carga. Sente uma vibração no peito. Com as portas do compartimento de carga já abertas, isto é tudo o que se interpõe entre ela e o espaço.

Não há dados sobre a escotilha da câmara de despressurização. É uma das poucas coisas no vaivém que não emite o seu próprio sinal. O que significa que um deles tem de avisar Houston de que estão prestes a abri-la.

Vanessa olha para Griff. Está contente por fazer isto com ele. Sempre gostou dele, e não só por serem ambos de Nova Inglaterra, embora isso ajude.

— Houston, vamos abrir a escotilha — anuncia Griff.

Vanessa começa a abrir a escotilha. Tenta manter o ritmo cardíaco estável. Há cinco anos que trabalha para este momento, tendo sonhado com ele a maior parte da sua vida.

O espaço.

Ela e Griff inspiram quando conseguem ver através da escotilha.

Têm visto da janela, mas nada os preparara para a vista que estão a ter agora.

A mente de Vanessa esvazia-se. Há as luzes brilhantes da nave, mas, tirando isso, tudo é negro. Não há horizonte, apenas a extremidade do *Navigator* e depois o nada, com as cores brilhantes da Terra ao longe.

— Uau! — exclama Vanessa. Ela olha para Griff, também ele perdido na sua visão.

Ela solta-se da nave e atravessa a escotilha, para dar o seu primeiro passo no espaço. Sente as pernas firmes conforme entra na escuridão. Os seus olhos arregalam-se com a intensidade do que vê, um vazio diferente de tudo o que alguma vez viu.

Olha para cima, para lá das portas do compartimento de carga, e vê a Terra ao longe. As nuvens riscam os desertos do Norte de África. Por breves instantes, Vanessa detém-se e olha para o oceano Índico.

Há muito tempo que adora estar acima das nuvens. Mas estar tão acima delas arrebata-lhe completamente o fôlego.

— Meu Deus! — exclama Griff.

Vanessa vira-se para ele. Estão ambos presos por um cabo ao vai-vém e Griff afasta-se.

Ela segue-o, dirigindo-se diretamente para o compartimento de carga. A vista é espetacular, mas a verdadeira razão pela qual aqui está é para brincar com uma máquina a trezentos e cinquenta quilómetros acima da atmosfera terrestre.

Chegam ao compartimento de carga e cada um assume a sua posição. Há quatro trincos, dois de cada lado do satélite.

— Vai com calma, Ford — diz Griff. — Vou ficar muito chateado se batermos o recorde do passeio mais curto no espaço.

— Não conseguimos passar muito tempo a fazer isto — diz ela.

— Só temos de abrir alguns fechos. Mas tudo bem.

Com uma chave de caixa, Vanessa abre um dos trincos do seu lado e depois passa para o outro. Quando o segundo trinco está aberto,

aguarda alguns instantes para que Griff também consiga abrir o seu segundo trinco.

Quando ele se despacha, suspira.

— Houston, os fechos estão abertos, em grande parte graças à brilhante e eficiente Vanessa Ford.

— Entendido, *Navigator*. Bom trabalho — diz Joan. E depois, após um instante: — *Navigator*, ainda temos horas de vida nesses fatos, por isso é melhor manter-vos na câmara de despressurização enquanto tratamos do lançamento, para o caso de precisarmos de vocês outra vez.

— Ah! — diz Griff. — Agora estás só a ser simpática.

— Bem — diz Joan —, temos um fraquinho por vocês aqui em baixo.

— Igualmente, Houston — diz ele. — Entendido. Eu e a Ford vamos ficar na câmara.

Flutuam de regresso à nave. Griff deixa Vanessa entrar primeiro e depois junta-se a ela. Ele vai fechar a escotilha. Mas depois detém-se e olha para Vanessa. Arqueia as sobrancelhas.

O protocolo diz para fecharem a escotilha. Mas, se a deixarem aberta, conseguirão ver o satélite a sair.

Vanessa não quer mentir a Houston. Ainda assim, um sorriso escapa-se-lhe.

Griff retribui o sorriso e tira a mão da escotilha. Não a fecha.

— Houston, estamos na câmara de despressurização — diz ele.

Ambos voltam a sua atenção para a escotilha aberta. Veem a mesa basculante a erguer-se até ficar em posição para lançar o satélite.

— Houston, estamos satisfeitos com o grau do satélite — Vanessa ouve Steve dizer.

Ela pensa na última noite antes da missão, quando estavam em quarentena no cabo Canaveral. Steve passara uma hora ao telefone com Helene. Hank estava aborrecido porque estava à espera para ligar a Donna. Mas Steve limitara-se a ficar ali, encostado à bancada da cozinha, a dizer piadas à mulher, com os seus olhos azuis brilhantes enrugados por se estar a rir. Vanessa ouvira mais do que provavelmente devia ter ouvido. Parecia tão fácil para Steve ser os dois lados de si próprio ao mesmo tempo — o homem que é em terra e o comandante que

tem de ser aqui em cima. Para ela, esses dois papéis sempre entraram em conflito.

— Temos autorização para o lançamento?

— Afirmativo, *Navigator* — diz Joan. — Têm autorização para o lançamento.

Lydia está encarregada do sistema de manipulação remota, o RMS. Ela vai libertar o satélite.

— Entendido, Houston — diz Lydia. — A preparar para o lançamento.

— Entendido, *Navigator*.

O Arch-6 está preso no compartimento de carga por dois cabos explosivos. Vanessa e Griff veem um a detonar-se como planeado.

Mas depois, rapidamente, o segundo cabo explode num clarão diferente de tudo o que Vanessa alguma vez vira. Nada parecido com as simulações. As explosões despedaçam as tiras de metal à volta do satélite. Os estilhaços voam em todas as direções.

Vanessa não consegue perceber o que aconteceu. Tudo o que consegue ver é o brilho do metal, e depois, um grunhido de Griff, como se o ar lhe tivesse sido arrebatado dos pulmões.

Ela vira-se e vê um corte abaixo do anel da cintura no fato dele. Em segundos, a exposição irá matá-lo. Ele põe a mão no fato para tapar o buraco.

— Estou bem — diz-lhe ele. Ambos sabem que a sua mão no fato é suficiente para o salvar por ora. Mas a sua voz é um sussurro instável e fino, como se tivesse consumido todo o seu fôlego.

De seguida, começa a soar um alarme, que Vanessa reconhece mas não consegue localizar. E é só quando Steve, Hank e Lydia começam a gritar que percebe que houve um segundo embate.



Quando o alarme soa, Joan respira fundo, tentando pensar com clareza. Quando Greg se levanta, o coração cai-lhe aos pés.

— Voo, daqui é o EECOM. Estamos a registar uma  $dP/dT$  negativa. A pressão está a cair rapidamente.

Jack:

— Em que nível estamos?

Antes que Greg consiga responder, a voz de Hank entra no circuito, ponderada, mas aguda:

— Houston, daqui é o *Navigator*. Temos uma fuga na cabina. Estamos a sentir a descompressão rápida.

— Entendido, *Navigator* — diz Joan. Mantém a voz calma, mas esta é uma escolha que tem de ser consciente. Olha para Jack.

Jack vira-se para ela, com os olhos focados.

— Diz-lhes que têm um buraco. A julgar pela taxa de despressurização, pode ter até mais de um centímetro e vinte de diâmetro. Perfurou o casco algures na parede à ré, provavelmente no convés intermédio ou no convés de voo. Eles conseguem ver?

Joan transmite.

— Negativo, Houston — diz Hank. — Não vemos nenhum buraco.

Jack:

— Diz-lhes para tirarem tudo das paredes, cacos, armários, tudo o que puderem tirar para expor o casco. Tirem tudo!

— Entendido — diz Joan.

Jack continua:

— A Ford e o Griff que se mantenham na câmara de despressurização, mas começem a pressurizar o mais depressa possível. Diz ao *Navigator* que têm de introduzir oxigénio e abrir os sistemas de azoto 1 e 2 para a cabina, para alimentar a fuga até encontrarmos o buraco!

Joan atualiza a equipa. De forma clara, concisa, calma. *Isto é a NASA. Temos um plano para isto.*

— Entendido — diz Hank, enquanto a equipa começa a trabalhar.

— Já estamos a tratar disso.

Greg:

— Voo, EECOM... não estamos a ver uma mudança positiva na taxa de fuga. A pressão continua a baixar.

Joan sabe que, muito provavelmente, Hank está a introduzir o oxigénio e o azoto, enquanto Steve e Lydia estão a retirar tudo das paredes — as camadas de fios, os sacos-cama — o mais depressa que conseguem. Há tanta coisa a forrar o espaço limitado do veículo orbital, e estão a arrancar tudo, à procura daquele buraco. Cada segundo que passa deixa-a atordoada.

Ela olha para Jack. Mas Jack está a olhar para Greg.

— Não está à ré do convés de voo! — diz Steve.

— Estou a retirar os cacifos do convés central! — grita Lydia.

Greg olha para Jack e abana a cabeça.

Jack bate com a mão na parte de cima da consola e olha para Sean Gutterson, responsável pelos sistemas mecânicos.

— RMU, o que é que vocês têm? O que é que eles não estão a ver? Preciso de alguma coisa! Restam-nos segundos!

Toda a gente se levanta dos seus lugares. Joan mal se consegue ouvir a pensar.

Ela já passou por simulações como esta, com a pressão a baixar rapidamente e sem forma de a estabilizar.

Só acabam quando a fuga é encontrada.

Ou quando a tripulação morre.

*Isto é a NASA. Temos um plano para isto.*



Vanessa fechou a escotilha, e a câmara de despressurização está a pressurizar.

Mas quando olha para Griff, Vanessa percebe que ele está a perder a consciência. Ela enfa a mão por baixo da dele, pressiona-a contra o buraco no fato e aplica pressão na parte inferior do estômago.

— Griff, Griff — diz ela. Não há resposta. — John Griffin, estás a ouvir-me?

Quando ele pestaneja, ela não consegue perceber se foi de propósito.

— Estou a tratar disso — diz-lhe ela. — Estou a tratar de ti.

Ela não consegue precisar o momento exato em que ele desmaia. Só sabe que, pouco depois, a mão dele cai e a mão dela passa a ser a única coisa que o mantém vivo até que a pressão da cabina na câmara de despressurização regresse. Verifica se há algum indício de sangue sob o fato dele. Não vê nenhum.

Consegue ouvir a agitação e as vozes dos seus companheiros de tripulação a tentarem coordenar-se. A voz de Steve acalma-a, mas a de Lydia está a ficar mais aguda.

Dá-se conta de que não ouve Hank falar há pelo menos trinta segundos.

Esse momento estende-se cada vez mais. E Vanessa tem um mau pressentimento.

Quando tinha 6 anos, a mãe contou-lhe que o pai tinha morrido. Vanessa não se lembra do que a mãe lhe disse. Só se lembra de que, antes de a mãe dizer qualquer coisa que fosse, olhou para ela, mas não conseguiu falar. Foi um instante fugaz, não mais do que um segundo. Mas Vanessa percebeu que algo de mau tinha acontecido. E não foi pelo que a mãe disse, mas pelo silêncio que o precedeu.

Vanessa pensa agora nesse silêncio.



Ray levanta-se.

— Controlo de voo, daqui é o médico. O ritmo cardíaco do John Griffin está a cair.

Joan tem estado a trabalhar para abrandar a sua respiração.

— O Hank está inconsciente — diz Lydia através do circuito. E depois: — Acho que o Steve também.

Jack fica pálido. Ele olha para Joan.

— Mantém-te com a Danes.

— Entendido, *Navigator* — diz Joan no circuito, com cada palavra a pesar-lhe na boca. — Estamos à escuta.

Jack:

— Mantém a Danes a tratar da fuga. Mas ela também tem de se certificar de que o N<sub>2</sub> está a subir. Mantém a Ford a vigiar o Griff na câmara de despressurização.

— Entendido — diz Joan, e depois volta a entrar no circuito.

— *Navigator*, Houston. Danes, têm de encontrar a fuga o mais depressa possível. As leituras dizem-nos que o N<sub>2</sub> está a entrar, mas não estamos a ver um aumento na pressão da cabina.

— Acho que eu... — A voz de Lydia interrompe-se.

— *Navigator*? *Navigator*, daqui Houston, estão a ouvir? — pergunta Joan.

Nada.

— Lydia Danes, estás a ouvir-me?

Não há resposta. Para Joan, isto parece agora inevitável, embora há apenas um segundo ela tivesse dito que era quase impossível. Perder os três na cabina era algo que se  *fingia* ser um medo real, mas que nunca aconteceria de facto.

Joan inclina-se para a frente.

— *Navigator*, daqui Houston, respondam.

Ray:

— Controlo de voo, daqui é o médico. Dado o ritmo a que a pressão tem estado a cair, o Hagen, o Redmond e a Danes estão certamente inconscientes, a sofrer com a descompressão. Mas, dado o tempo de exposição, acredito que possam estar mortos.

Joan consegue sentir a enormidade deste momento a instalar-se no seu tronco cerebral, fazendo com que o seu pescoço fique rígido e a sua cabeça pesada.

Greg:

— Controlo de voo, EECOM... a pressão na cabina está a aumentar.

Jack:

— A aumentar? Confirmem que disseram que está a aumentar.

— A aumentar, sim. PSIA a regressar aos níveis normais.

— A Danes encontrou o buraco — murmura Jack.

Joan volta a entrar no circuito.

— *Navigator*, daqui Houston. Podem confirmar que encontraram o buraco e o remendaram?

Ray:

— Ela não vai conseguir responder.

— Lydia, responde — diz Joan novamente.

Nada.

Nada.

Nada.

E depois a voz de Vanessa.

— Houston — diz ela. — Acho que sou a única que resta.

## SETE ANOS ANTES

Barbara, a irmã mais nova de Joan, telefonara-lhe uma manhã para lhe falar de um anúncio que tinha visto na televisão na noite anterior.

— Dizia: «Esta é a tua NASA.»

— O quê? — perguntou Joan.

Encontrava-se na cozinha, a servir-se de uma caneca de café, com o telefone apoiado entre o ombro e a orelha. Estava prestes a dirigir-se ao carro. A sua primeira aula do dia na Universidade Rice era uma disciplina de pesquisa sobre o cosmos, oferecida a caloiros de todos os cursos. Embora tivesse um doutoramento centrado na análise das estruturas magnéticas da coroa solar, estava a desperdiçar os seus conhecimentos a ensinar a definição de um *parsec* a jovens de 18 anos. Contudo, como o chefe do seu departamento salientara quando ela pedira gentilmente uma tarefa diferente, «alguém tem de o fazer». Aparentemente, dava-se o caso de esse alguém ser a única mulher do departamento.

— Como assim, «Esta é a tua NASA»?

— Foi o que ela disse, a mulher d'*O Caminho das Estrelas*. Espera aí, escrevi isso algures. Vi o anúncio mesmo antes de ir deitar a Frances, mas consegui pegar numa caneta antes que acabasse. Aqui está: «Esta é a tua NASA, uma agência espacial empenhada numa missão para melhorar a qualidade de vida no planeta Terra neste preciso momento.»

Nichelle Nichols, era assim que ela se chamava! Já estava a dar em doida. Estão a recrutar astronautas. Cientistas. Para irem para o espaço. Disseram especificamente que queriam mulheres.

Joan pôs a tampa na caneca do café.

— Disseram mulheres cientistas?

Quando Joan tinha 12 anos, lera um artigo num jornal que mencionava as FLAT (First Lady Astronaut Trainees)<sup>1</sup>, envolvidas no que era conhecido como o Programa Mulheres no Espaço. Esse grupo de treze mulheres tinha sido testado e treinado em privado por William Randolph Lovelace II, o mesmo médico que ajudara a selecionar os astronautas do programa Mercury. Ele fizera isso por conta própria, fora da NASA, na esperança de que a organização pudesse reconhecer o potencial das candidatas.

Mas o artigo que dera a conhecer a Joan o programa tinha sido o mesmo artigo em que soube do seu fim. As FLAT precisavam da aprovação da NASA para serem autorizadas a concluir os seus testes na Escola Naval de Medicina Aeronáutica. Dias antes da data prevista para a sua chegada, foram notificadas de que a NASA não iria aprovar o pedido.

Uma audiência no Congresso, na qual muitas das mulheres testemunharam sobre a discriminação de género, não conseguiu fazer com que o administrador da NASA mudasse de ideias. John Glenn chegou mesmo a ser citado como tendo dito que o facto de as mulheres não serem aceites como astronautas «fazia parte da nossa ordem social».

Joan passara toda uma vida a olhar para as estrelas, mas havia muito tempo que não se imaginava dentro de um fato espacial.

— Disseram, de certeza, «mulheres» e disseram, de certeza, «cientistas» — confirmou Barbara.

Joan pousou o café e mudou o telefone do ombro para a mão.

— Achas mesmo que eu podia ser astronauta? — perguntou Joan.

— Tu estudas as estrelas. Quem mais é que eles poderiam estar a pedir?

— Não sei. Eu... Achas mesmo que me devo candidatar? — perguntou Joan.

---

<sup>1</sup> Literalmente, Primeiras Formandas Astronautas Mulheres. [N. T.]

Barbara suspirou.

— Oh, esquece. Tiraste a piada toda à coisa — disse ela e desligou.

Conforme o sinal da linha começou a ecoar, Joan afastou o auscultador do ouvido, pousou-o lentamente no descanso e manteve a mão sobre ele durante um momento, a olhar para o telefone.

Duas semanas depois, sem avisar Barbara, pediu um formulário de candidatura.

Enquanto o preenchia, mal conseguia olhar diretamente para ele. *Eu, uma astronauta.* E ainda assim... Foi à biblioteca tirar uma fotocópia da documentação, depois enfiou tudo num envelope A4 — um resumo, até ao momento, de tudo o que tinha conseguido fazer na Terra.

Dirigiu-se à estação dos correios e, sem se deixar angustiar mais com a questão, introduziu-o pela ranhura.

Nesse mês de janeiro, Joan saiu de casa para ir dar mais uma aula de uma disciplina de iniciação e viu um jornal na entrada do prédio. Pegou nele e reparou na parangona abaixo da dobra.

«NASA ESCOLHE 35 NOVOS CANDIDATOS A ASTRONAUTAS, INCLUINDO SEIS MULHERES.»

Joan engoliu em seco, enquanto os seus olhos começavam a arder. Entrou no carro, atirou o jornal para o banco do passageiro e ficou a olhar para o volante durante dezassete minutos.

Foi a única vez na sua carreira que se atrasou para uma aula.

Um ano depois, em 1979, Joan estava a entrar na sala de professores quando ouviu o Dr. Siskin, o chefe do seu departamento, mencionar a outro professor que a NASA tinha voltado a abrir as candidaturas para astronautas — e que procuravam especificamente astrónomos e astrofísicos.

Fingiu que estava à procura do almoço no frigorífico, mas, em vez disso, pensou nas suas opções. Dez minutos depois, estava sentada à secretaria, a fazer o pedido para uma nova candidatura.

Nesse ano, cento e vinte e um candidatos foram convidados — em grupos de vinte — para uma semana de entrevistas no Centro Espacial Johnson.

Desta vez, Joan encontrava-se entre eles.

Na primeira noite, Joan fez o check-in no Sheraton Kings Inn e instalou-se no seu quarto. Chegou dez minutos mais cedo para a receção da tarde.

Foi a terceira pessoa a sentar-se. Os outros dois candidatos já sentados eram homens, e ambos pareciam ser militares. Depois, logo a seguir a Joan, entrou na sala outra mulher.

A mulher tinha o cabelo castanho encaracolado e os olhos castanhos-claros, que ficavam especialmente bem com a camisa verde-azeitona que trazia vestida. Trazia um fio de ouro fininho à volta do pescoço.

Sentou-se a alguns lugares de distância de Joan. A tal mulher não sorriu nem cumprimentou ninguém. Joan não tinha nenhuma razão especial para sentir uma ligação com ela, só que, agora, ela já não era a única mulher na sala.

Ficou a ver outras pessoas a entrarem. Em pouco tempo, surgiu-lhe na mente um conjunto de classificações: cientistas e militares. Mais tarde, Steve Hagen simplificaria ainda mais: «Há dois tipos de pessoas no corpo de astronautas: totós e soldados.» Ainda assim, nessa tarde, Joan não conseguiu classificar a mulher de camisa verde-azeitona.

Um homem na parte da frente da sala aclarou a garganta. Tinha cabelo grisalho, cortado rente e penteado para o lado, com um bigode que começava também a ficar grisalho.

— Chamo-me Antonio Lima e sou o diretor de voo do Gabinete de Astronautas — disse. — Sejam todos bem-vindos.

Joan olhou em redor, vendo-os a todos daquela que ela imaginava ser a perspetiva dele. Deviam parecer todos tão verdinhos.

— Se conseguiram chegar até aqui, então são dos poucos candidatos eleitos que acreditamos poderem ser uma mais-valia para a NASA e para esta nação. Ao longo da próxima semana, serão avaliados quanto às vossas capacidades únicas e à forma como estas poderão beneficiar o corpo de astronautas em geral. Os nossos candidatos a astronautas... aqueles entre vocês que tiverem a sorte de ser escolhidos para se juntarem à formação aqui na NASA... têm de estar fisicamente aptos e mentalmente sãos, bem como superlativamente preparados para a tarefa que têm pela frente.

Nesse preciso instante, um homem entrou sorrateiramente na sala, ocupando a cadeira mais próxima da porta. Joan olhou para o relógio.

Tinha chegado dois minutos atrasado. Certamente, o tal homem sabia que estava tramado.

— Estão aqui — prosseguiu Antonio — porque a NASA está prestes a embarcar no seu maior e mais inovador empreendimento de sempre: o programa do vaivém espacial. Até agora, a exploração espacial tem sido excepcional. Tem sido rara. Em breve, tornar-se-á rotineira.

Antonio levantou a capa do cavalete e mostrou a planta de uma nave espacial. Toda a gente na sala se inclinou para a frente. Joan estava familiarizada com o conceito do vaivém, mas ficar a conhecer este nível de pormenor sobre o seu funcionamento fez com que a sua pulsação se acelerasse.

— Os vaivéns são as primeiras naves espaciais da história da NASA concebidas para serem reutilizáveis — afirmou. — Com uma frota de vaivéns, podemos voar para uma órbita espacial baixa vezes sem conta. Os lançamentos serão mensais, ou até mesmo semanais. Transportaremos carga para o espaço. Realizaremos experiências. A dada altura, acreditamos, estabeleceremos uma presença permanente no espaço, incluindo uma estação espacial e voos tripulados para Marte, construída pelas missões dos vaivéns que estamos a desenvolver hoje.

Antonio pegou no ponteiro pousado no cavalete.

— Este é o veículo orbital — disse ele, apontando para a parte maior do vaivém. — Será lançado com um tanque externo e dois propulsores auxiliares sólidos, um de cada lado.

Retirou o diagrama de cima revelando outro, mais complexo.

— Quando o vaivém for lançado, o tanque de combustível externo e os propulsores auxiliares sólidos serão descartados. E o veículo orbital entrará na órbita baixa da Terra. Quanto à tripulação... — Ele apontou para o nariz do veículo orbital. — Os membros da tripulação vão ocupar o convés de voo aqui e o convés intermédio aqui.

O convés de voo e o convés intermédio eram minúsculos, comparados com o resto do veículo orbital. Joan estava a começar a ter uma noção da escala, e não conseguiu evitar um sorriso.

— Uma vez em órbita, o vaivém irá viajar a cerca de oito quilómetros por segundo, a uma altitude típica de cerca de trezentos e vinte quilómetros, dando a volta à Terra a cada noventa minutos.

Depois de os astronautas completarem a sua missão, regressarão à Terra. Ao contrário de programas anteriores aqui na NASA, não iremos utilizar uma aterragem na água. Em vez disso, após uma reentrada bem-sucedida na atmosfera, o vaivém irá voar, de forma muito semelhante a um avião, e irá aterrinar, com as rodas descidas, numa das nossas bases.

Antonio deu um passo atrás e deixou que todos absorvessem a informação. De seguida, retomou a sua apresentação:

— Nesta altura, espero que já tenham percebido que estão a olhar para uma nave espacial diferente de tudo o que já vimos antes. O vai-vém não é uma máquina. São três. No lançamento, é um foguetão. Em órbita, é uma nave espacial. Na aterragem, é um avião. É isto que nos vai permitir inaugurar o futuro da exploração espacial.

Joan sentiu um friozinho na barriga. Era a mesma sensação que tivera da primeira vez que vira a faixa brilhante da Via Láctea quando os seus pais a levaram ao parque nacional de Joshua Tree quando era criança.

— As nossas missões aqui na NASA não são isentas de riscos — disse Antonio. — Estarão a depositar a vossa vida nas mãos dos vossos diretores e dos vossos colegas astronautas, bem como dos investigadores e engenheiros que estão a tornar possível a exploração espacial. Porém, se forem escolhidos, poderão fazer parte de um número muito reduzido de pessoas que podem dizer que saíram da Terra e que podem informar-nos a todos acerca do aspeto do nosso planeta à distância. Serão vocês que nos irão conduzir ao futuro. Posso assegurar-vos de que este *será* o maior feito tecnológico da história da NASA. Pode muito bem ser o maior empreendimento na história da humanidade.

Joan tentou processar quão perto esta oportunidade estava do seu alcance, mas, quando o fez, os seus olhos cruzaram-se com os da mulher de cabelo encaracolado, a alguns lugares de distância. As duas ficaram a olhar uma para a outra por alguns instantes.

*Estaria aquilo realmente a acontecer?*

Nessa semana, foi submetida a uma monitorização do ritmo cardíaco, a testes de audição e visão, a colheitas de sangue e a avaliações completas por parte dos médicos aeroespaciais. O seu corpo foi picado e perfurado de formas que a chocaram.

Mas ela estava empenhada em mostrar a todos os seus avaliadores da NASA que o que tinha para oferecer era exatamente aquilo de que eles precisavam: uma compostura determinada e estoica.

Subiu para uma passadeira ligada a elétodos e correu mais de oito quilómetros antes de começar a abrandar.

Participou em entrevistas cuja intensidade fazia com que até uma pergunta simples como «Quer que baixe a temperatura?» parecesse complicada de responder. Respondeu com calma e clareza a todas as perguntas.

A parte preferida da semana de Joan foi quando lhe vestiram um fato e lhe deram instruções para entrar numa bola de tecido branco com um metro de diâmetro. A sua única fonte de ar era uma botija de oxigénio. Foi-lhe ordenado que ficasse lá dentro durante quinze minutos. Assim que Joan entrou e sentiu a solidão tranquila da bola, compreendeu.

Não era um teste de destreza ou aptidão mecânica. Queriam ver se ela se passava, se era capaz de suportar a privação sensorial e a claustrofobia. Ela sorriu para si própria. Era canja.

Adormeceu.

Certa noite, dois meses depois, tocou o telefone em sua casa. Joan estava a comer comida chinesa e a desenhar um retrato de Frances para oferecer a Barbara como presente de aniversário. Pousou o lápis e dirigiu-se ao telefone.

Era Antonio.

— Ainda está interessada em entrar para o corpo de astronautas da NASA? — perguntou.

Joan olhou para o teto e acalmou a voz. Era a reação mais parecida que alguma vez tivera com aquela que as mulheres mostram nos filmes quando são pedidas em casamento.

— Sim — disse ela. — Sim, sem dúvida.

— Ótimo, é um prazer poder contar consigo, Joan. Vocês serão dezasseis e irão juntar-se a nós aqui no Grupo 9. Oito candidatos a pilotos e oito candidatos a especialistas de missão, como a Joan. Não sei se chegou a conhecer a Vanessa Ford durante o tempo que passou

aqui no CEJ, mas ela estava no mesmo grupo de entrevistas que a Joan. Ela também passou na seleção e aceitou. Vocês as duas são as únicas finalistas dessa sessão.

— Não ficaram homens do nosso grupo, então? — perguntou Joan, mal podendo acreditar que tinha deixado escapar aquele comentário.

Mas Antonio riu-se.

— Não — disse ele. — Receio que não estivessem à altura.

## VERÃO DE 1980

Nos meses que se seguiram à notícia de que iria entrar para o corpo de astronautas, Joan fez três coisas.

Em primeiro lugar, entregou o pedido de demissão na Rice.

No seu último dia, o Departamento de Física e Astronomia organizou-lhe uma festa de despedida. Junto à taça do ponche, o Dr. Siskin perguntou a Joan — de uma forma que lhe pareceu extraordinariamente transparente — como é que ela tinha conseguido fazer aquilo. Joan respondeu «Sorte, acho eu», mas depois arrependeu-se.

Joan sabia que o Dr. Siskin, e a maioria dos homens como ele, nunca tinha olhado bem para ela. Ela estava habituada a isso. Afinal de contas, não era a irmã. Nunca atraíra a atenção de uma sala inteira pela maneira como um vestido lhe caía bem ou pela forma arguta como ripostava. Uma vez, quando Joan era adolescente, a mãe disse-lhe que ela e a irmã tinham os seus próprios pontos fortes. Disse que Barbara chamava a atenção e que Joan era discreta, mas que ambas eram fortes à sua maneira. Quando a mãe disse isto, Joan abraçou-a.

Joan sabia que lhe era fácil passar despercebida. Tinha uma altura média e era ligeiramente atarracada. Vestia-se com simplicidade. O seu cabelo castanho-claro caía-lhe pouco abaixo dos ombros, mas não o usava escadeado como algumas outras mulheres. Em vez disso, apanhava-o com pouca firmeza. Por vezes, quando Joan se via em fotografias, ficava

impressionada com a beleza do seu sorriso, com as covinhas que lhe davam um ar simpático e luminoso. No liceu, Adam Hawkins dissera-lhe isso mesmo. Mas não esperava que as outras pessoas reparassem.

Também não esperava que as pessoas lhe perguntassem o que fazia nos tempos livres (era pianista com uma formação clássica, correria duas maratonas, era uma leitora ávida e retratista amadora, entre outras coisas). Quando as pessoas entravam no seu gabinete e viam alguns dos desenhos na parede, sabia que iam assumir que os tinha comprado algures. Quando alguém os admirava, nunca se dava ao trabalho de lhes dizer que os tinha desenhado. Não o fazia para obter elogios. De qualquer modo, há muito tempo que ninguém lhe perguntava o suficiente sobre si própria para ficarem a saber de nada disto. E Joan encontrou uma paz familiar em passar despercebida.

Por isso, foi um grande choque para os homens do departamento, muitos dos quais se imaginavam secretamente destinados à vitória, ver que a mulher que tinham negligenciado estava a ultrapassá-los numa corrida que nem sabiam que tinha começado.

Joan olhou em redor da sala, pousou a bebida e saiu mais cedo da sua própria festa de despedida.

A segunda coisa que Joan fez foi contar à família que ia ser candidata a astronauta.

— Tudo porque tu sugeriste que eu me candidatasse — disse Joan a Barbara ao telefone.

— Sugerí?

— Por causa do anúncio.

— Ah, pois foi — disse Barbara. — Bem, não tens de quê.

A mãe e o pai apanharam o avião para fazerem a viagem de Pasadena. Foram todos a um jantar comemorativo, durante o qual Barbara mencionou várias vezes que esperava que aquilo não significasse que Joan se ia mudar para Clear Lake. Afinal de contas, Frances precisava dela por perto. Joan explicou três vezes que isso significava que ela ia *mesmo* mudar-se para Clear Lake. Havia apartamentos mesmo ao lado do Centro Espacial Johnson. Ficava apenas a trinta minutos a sul da sua casa atual e, fosse como fosse, jamais perderia um segundo que pudesse passar com Frances.

Depois, Joan inclinou-se para Frances e deu-lhe um beijinho na cabeça.

Frances já era demasiado crescida para algumas coisas que Joan tinha feito com ela desde que era bebé — virá-la de pernas para o ar, andar com ela às cavalitas, atirá-la para cima da cama —, mas Joan poderia sempre beijar-lhe o cocuruto. Mesmo que um dia tivesse de subir a um banco para o fazer.

Quando Joan e Barbara eram pequenas, passavam horas a brincar ao faz-de-conta. Joan era sempre médica, enfermeira ou professora. Barbara fingia ser cantora, bailarina ou patinadora artística. Mas assim que viu a adolescência a aproximar-se, Barbara deixou de fingir. Foi à procura de coisas sobre as quais Joan nada sabia.

Embora fosse quatro anos mais nova, Barbara foi à primeira festa antes de Joan, deu o seu primeiro beijo antes de Joan, bebeu a primeira bebida alcoólica antes de Joan. O que é que Joan podia oferecer a alguém tão mais vivido do que ela? Como é que Barbara podia admirar alguém que ficara tão para trás?

Alguns anos depois, quando Joan estava a fazer o seu doutoramento na Caltech e Barbara frequentava o primeiro ano da faculdade na Universidade de Houston, Barbara telefonou a Joan uma noite, a chorar.

Tinha engravidado.

— És a única pessoa a quem posso ligar — disse Barbara.

Joan mal podia acreditar no que estava a ouvir. Não no facto de Barbara se encontrar naquela situação — na verdade, Barbara já tinha engravidado e sofrido um aborto espontâneo uma vez quando era adolescente. O choque foi o facto de Barbara ter telefonado a *Joan*.

— O que é que eu faço? — perguntou Barbara.

Joan ficou ao telefone com ela durante três horas, a discutir o assunto. Nessa conversa, recolheu muitas informações surpreendentes. Nomeadamente, que havia mais do que um possível pai, que Barbara não estava disposta a sofrer a indignidade de tentar descobrir quem era, que estava decidida a esconder o facto o mais possível dos pais e que tinha deixado de ir às aulas há várias semanas.

Joan tentava encontrar as palavras para responder a esta última informação quando a colega de quarto de Barbara entrou e a irmã se apressou a desligar o telefone.

Dois dias depois, Barbara voltou a telefonar, desta vez com um objetivo mais claro.

Dera-se conta de que aquilo era uma coisa ótima! Aquela gravidez era a resposta a uma pergunta que Barbara andava a fazer a si própria havia anos. *O que é que ela devia fazer com a sua vida? Isto!* A razão pela qual ainda não tinha encontrado uma paixão era porque estava à espera desta criança para dar uma forma à sua vida.

Joan sabia que Barbara não comprehendia o peso total da tarefa. Mas não havia muito a fazer quanto a isso agora.

— Achas que vou ser uma boa mãe? — perguntou Barbara a Joan.

Joan tinha dificuldade em imaginar Barbara como mãe de alguém, mas a forma mais simples de olhar para a questão pareceu-lhe verdadeira.

— Sempre foste incrível em tudo aquilo em que te empenhaste, Barb.

— Obrigada, Joan. Isso significa muito para mim.

Depois disso, Barbara continuou a telefonar. Barbara precisava de dinheiro para um apartamento. Barbara precisava de ajuda para saber se lhe podiam reembolsar o dinheiro das propinas, agora que estava oficialmente a desistir do curso. Barbara precisava que Joan estivesse presente quando ela finalmente contasse à mãe e ao pai. *Barbara precisava, Barbara precisava, Barbara precisava.*

Quando os pais ficaram transtornados por Barbara estar solteira, grávida e ter abandonado a faculdade, Barbara pediu a Joan que a defendesse.

Quando a mãe se ofereceu para ficar com ela quando o bebé nascesse, Barbara pediu que fosse antes Joan.

Quando Frances nasceu nesse mês de maio, uma coisinha linda e desengonçada, foi Joan quem lhe pegou ao colo primeiro. Foi Joan que a entregou à mãe para que segurasse nela, foi Joan que preencheu a certidão de nascimento de Frances.

Frances Emerson Goodwin.

Joan passou meses a dormir no sofá do novo apartamento de uma assoalhada de Barbara em Houston. Teve de ser. Frances precisava que alguém a levasse ao médico. Frances precisava que alguém a embalasse. Frances precisava que alguém lhe desse o biberão quando Barbara estava demasiado cansada para acordar. *Frances precisava, Frances precisava, Frances precisava.*

Para Joan, era estranho pegar num bebé ao colo. Sentia-se sempre como se a fosse partir, sempre preocupada por não estar a apoiar suficientemente a cabeça da bebé. Frances teve cólicas nos primeiros meses; havia alturas em que não parava de chorar, por mais que Joan a embalasse. Às vezes, Joan não conseguia ouvir os seus próprios pensamentos por cima da gritaria.

E Joan perguntava-se como é que tinha chegado àquela situação. Aquela não era a vida que imaginara para si própria, a cuidar de um bebé.

O cérebro brilhante e afiado de Joan — o seu músculo mais bonito — transformou-se em papa devido à falta de descanso. Por vezes, sem saber o que fazer, Joan levava Frances para fora de casa, olhava para o céu noturno e falava com ela sobre as fases da Lua. Nessa altura, Frances arrulhava. Provavelmente era só o ar fresco da noite, mas Joan também suspeitava que Frances estava a começar a concentrar-se, talvez até a olhar para o dedo de Joan, brilhante em contraste com o céu escuro. *Talvez fosse isto que ela podia ser para Frances. Talvez esta fosse a linguagem delas.*

Mas essa clareza era efémera. No resto do tempo, cuidar de Frances era como caminhar com lama até aos joelhos.

Mesmo assim, logo que lhe foi possível, Joan fez o que Barbara lhe pediu e solicitou transferência para Rice, para ficar perto delas.

— Não percebo porque é que tens de ser tu — disse a mãe a Joan quando esta foi aceite e começou a planear a sua mudança. — Porque é que não posso ser eu? Porque é que não posso ajudar com a minha própria neta?

Joan não sabia como dizer à mãe o que todas já sabiam: Barbara escolhera Joan, e Barbara conseguia sempre o que queria.

Olhando em retrospectiva, Joan conseguia perceber que os desígnios do Universo a haviam conduzido ao que ela necessitava. Tinham-lhe dado algo que ela nem sequer tinha sido suficientemente inteligente para querer. Porque aqueles pequenos momentos com Frances — no jardim, a mostrar-lhe a Lua em fase crescente, a soprar-lhe bolhas e a ensinar-lhe formas, a fazer-lhe cócegas debaixo do queixo e a fazê-la rir — eram cada vez mais frequentes, todos os dias. Tornaram-se mais longos, instalaram-se mais profundamente. Até que um dia, uns anos antes, Joan levou Frances ao parque infantil e, enquanto a observava a travar amizade com outra criança no escorregas, apercebeu-se de

que não conseguia imaginar uma semana boa em que não pudesse, pelo menos uma vez, passar o polegar nas faces suaves e húmidas de Frances. Precisava de lhe fazer cócegas e ouvir aquela gargalhadinha para sempre.

Na noite desse jantar de família, Frances olhou para Joan e sorriu. Ela tinha 6 anos. O seu cabelo castanho-claro, pelos ombros, já não era tão fino como o de um bebé. Os seus olhos azuis brilhantes captavam mais do que nunca o que se passava à sua volta. Deixara de usar sabrinas e vestidos no ano anterior. Agora vestia calças de bombazina e t-shirts na maior parte do tempo. Começou a usar palavras que Joan ficou surpreendida por ela conhecer, como «aterrador» e «fulcral». Não tinha um dia «ótimo», mas sim «esplêndido»; quando provava uma comida nova, o sabor não era «mau», mas sim «peculiar». Já tinha saltado um ano na escola.

Frances nascera praticamente no dia anterior; Joan tinha a certeza disso. E, no entanto, Frances estava a entrar no segundo ano e Joan ia ser astronauta.

— Joanie?

— Sim, Franny?

— Espera! És a única que me trata por Franny!

— E tu és a única que me trata por Joanie!

Frances riu-se.

— Quando tiveres um sítio novo para viver, posso ir visitar-te?

— Ela não vai arranjar uma casa nova — disse Barbara.

Essa foi a terceira coisa que Joan fez. Alguns dias depois, passou por casa de Barbara com um pão de ló da padaria da esquina e explicou à irmã, uma última vez, que ia, efetivamente, mudar-se.

— Bem, ótimo — disse Barbara. — Mas continuas a ter de ficar com a Frances aos fins de semana. Não tenho dinheiro para pagar a uma ama.

— Hei de ver a Frances aos fins de semana, tal como faço agora.

— Estás mesmo entusiasmada com essa coisa de ser astronauta, não estás? — perguntou Barbara. Ela afastou o bolo, e Joan reconheceu que era este o seu castigo.

— Sim, estou. E estou assustada, mas de uma forma que nunca estive antes. O que acho que é bom. É excitante.

— Tens mesmo muita sorte — disse Barbara, com a voz mais suave. — És livre para fazer uma coisa dessas. Sem filhos, marido ou qualquer coisa que te prenda. Estou sempre a pensar para onde iria se pudesse. E penso em Londres ou Paris... mas tu vais para as estrelas. Estás a pensar em algo muito maior.

Joan sentiu um nó na garganta.

No final dessa semana, Joan empacotou tudo o que tinha em casa. Quando a empresa de mudanças chegou, pegou nas suas coisas e foi-se embora. Menos de uma hora depois, estava a abrir a porta da sua casa nova. Cheirava a tinta fresca.

Nessa noite, foi dar um passeio pelo seu bairro novo e encontrou Donna Fitzgerald e John Griffin, dois dos outros especialistas de missão que faziam parte do Grupo 9. Reconheceu-os do dia em que a NASA os tinha reunido para tirarem uma fotografia à turma nova. Donna tinha olhos azuis e cabelo castanho-escuro, espesso e volumoso, tanto que Joan achou que ela podia figurar num anúncio de champô. E John — com um sorriso tão fácil e olhos que se enrugavam — tinha a voz mais suave que ela alguma vez ouvira. Era grave e rouca, fazendo com que Joan gostasse dele assim que o ouviu falar.

— Acho que somos todos estupidamente previsíveis, não é? — disse Donna. — Junta-te ao corpo de astronautas e arranja um apartamento de uma assoalhada perto do *campus* na semana antes do início da formação.

Joan riu-se.

— Bem, não sei. Talvez o John tenha um de duas assoalhadas.

— Lamento desiludir — disse ele. — Tem só uma assoalhada, tal como os vossos. Tenho quase a certeza de que a Lydia Danes também está no prédio. Acho que a vi.

— Ah, bem — disse Joan. — Lá se vai a originalidade.

Joan recordaria aquele momento durante várias semanas. Porque, em poucos dias, Donna e Griff tornar-se-iam amigos tão íntimos que ela se ria ao pensar que alguma vez tinha chamado «John» a Griff.



Na manhã da primeira reunião com todos os astronautas, Joan, Donna e Griff foram juntos para o CEJ, já a rir-se das suas próprias piadas, usando excessivamente a nova frase do grupo: «*Mas isso não vai acontecer aqui.*»

Griff dissera-a pela primeira vez alguns dias antes, quando estava a falar sobre ter sido o maior na sua escola secundária em Nova Inglaterra: orador da turma de finalistas, delegado de turma e capitão da equipa de lacrosse. Quando Donna arqueou as sobrancelhas, insinuando que talvez ele estivesse à espera de ser assim tão importante na NASA, ele rapidamente acrescentou: «*Mas isso não vai acontecer aqui.*» E os três riram-se.

Donna utilizou a frase meia hora depois, quando falava da sua vida amorosa anterior, tão dramática e volátil.

Depois, Joan contou-lhes que quase toda a gente que conhecia a considerava uma *nerd* da astronomia e acrescentou, num tom sarcástico que a surpreendeu a si própria por ter encaixado tão bem a piada: «*Mas aposto que isso não vai acontecer aqui.*»

Ao entrarem no *campus* nessa manhã, avistaram Lydia Danes à frente. Era baixa, não teria mais de um metro e cinquenta e cinco, e tinha o corpo magro, mas para Joan havia algo de terrivelmente invencível nela. Talvez fosse a forma como se movia com uma concentração tão intensa. Como se desfrutar da caminhada pudesse ser uma perda de tempo.

Na noite anterior, Donna perguntara a Lydia se ela queria ir com eles de manhã. Lydia não chegara sequer a dar-lhe uma resposta.

— Há sempre alguém no grupo que acha que a sua merda não cheira mal — disse Donna.

— Oh, mas Donna... — disse Griff.

— Não comeces! — replicou Joan.

— *Isso não vai acontecer aqui* — disse ele.

Joan abanou a cabeça e sorriu.

— Estou a dizer-vos — disse Donna. — Ela é mal-educada.

Joan olhou para Lydia, que caminhava à frente deles.

— Não podes levar isto a peito — disse Griff.

— Ela acha-se melhor do que toda a gente — afirmou Donna.

— Como se pode ver pela forma como está sempre a esclarecer as pessoas de que eu sou apenas uma médica das urgências, mas ela é *cirurgiã traumatologista*.

Enquanto Donna falava, Joan começou a observar a arquitetura em redor do *campus*. Todos os edifícios brutalistas, em forma de caixote, constituídos por janelas e betão. Estranhamente datados e, no entanto, intemporalmente simples.

Mas quando olhou para o edifício do controlo de missão, algo lhe chamou a atenção. Tinha uma personalidade, uma centelha da elegância do programa Apollo da década de 1960. E Joan quase ficou petrificada.

*Estou na NASA.*

Chegaram à sala de reuniões com um minuto de antecedência, o que Joan considerou quatro minutos de atraso.

Encostaram-se os três às paredes da sala, obedecendo à hierarquia clara e tácita de que as cadeiras eram só para os astronautas e os candidatos ficariam de pé na periferia. Sentia-se já uma tensão na sala à qual Joan não conseguia dar nome. Alguns dos astronautas estavam sentados com as pernas esticadas, ocupando o máximo de espaço possível no chão, sem fazer qualquer tentativa de criar espaço para os novos candidatos. Joan, Donna e Griff estavam de pé, sem dizer nada, ao longo da parede. Lydia mal olhava para os outros. A última pessoa a entrar de rompante, mesmo antes de Antonio começar a falar, foi Vanessa Ford.

O seu cabelo encaracolado estava puxado para trás, a sua postura era alta e direita, os seus ombros largos. Tirou os óculos de sol e meteu-os no bolso da camisa, com os olhos semicerrados e o maxilar tenso. Depois juntou as duas mãos atrás das costas e virou-se para a frente, focando toda a sua atenção em Antonio, na parte da frente da sala.

E o pensamento que passou pela cabeça de Joan foi: *Aquela*, sim, é que é uma astronauta.

Mais tarde, nessa mesma noite, Griff e Donna saíram com alguns dos outros candidatos a astronautas para beber um copo, e Joan comprehendeu, então, que era a eles que toda a gente se referia quando falava em «ASCAN»<sup>2</sup>. Convidaram-na, mas ela recusou. Prometera a Frances que lhe telefonaria para lhe contar tudo sobre o seu primeiro dia, por isso regressou diretamente a casa.

— Sabias que posso vir a ter dois pins? — comentou Joan com Frances ao telefone.

— Como o meu pin do Rato Mickey? — perguntou Frances.

— Sim, parecidos com esse. Mas estes pins têm a forma de uma estrela com três raios por trás, que saem de uma auréola. Um é prateado e o outro é dourado.

— E dão-tos por seres astronauta?

— Espero que sim, mas ainda falta — disse Joan.

Estava a puxar o fio torcido do telefone na cozinha, desenrolando-o enquanto falava. Apenas duas semanas antes, o telefone era novinho em folha. Agora já ficara emaranhado pelo uso.

— Daqui a mais ou menos um ano, se eu passar neste programa, vão fazer de mim uma astronauta. E vão dar-me o pin prateado, o que significa que estarei pronta para voar. E depois, um dia, quando for escolhida para uma missão e for lá acima e voltar, é nessa altura que me dão o dourado. Para simbolizar que já voei no espaço.

— Não acredito que a minha tia vai para o espaço.

— Talvez um dia — disse Joan. — Sim.

Segurava o telefone entre o ombro e a orelha enquanto tirava uma refeição pré-feita do congelador e a punha no forno.

— Quero ser astronauta — disse Frances.

Que maravilha viver naqueles tempos, poder dizer à sobrinha que *podia* ser astronauta, se quisesse.

— Se te esforças, consegues — disse Joan. — Agora vai lavar os dentes. Todos os quadrantes. Lembra-te do que o dentista disse, agora que os teus molares já nasceram.

— Eu sei — disse Frances. — Vou fazer isso.

---

<sup>2</sup> Abreviatura de «astronaut candidates», «candidatos a astronautas» em português.  
[N. T.]

# ATÉ ONDE SEREMOS CAPAZES DE IR PARA VIVER E AMAR PARA LÁ DOS NOSSOS LIMITES?

No verão de 1980, Joan Goodwin, professora de Astrofísica, inicia o seu treino de astronauta no Centro Espacial Johnson, em Houston, juntamente com um grupo excepcional de outros candidatos: o piloto naval Hank Redmond, os especialistas de missão John Griffin e Lydia Danes, a afável Donna Fitzgerald e a magnética e misteriosa engenheira aeronáutica Vanessa Ford.

À medida que os novos astronautas se preparam para os seus primeiros voos, Joan descobre uma paixão e um amor que nunca imaginara, o que a leva a começar a pôr em causa tudo aquilo em que acredita acerca do seu lugar no Universo.

Até que, em dezembro de 1984, durante a missão STS-LR9, tudo muda numa questão de segundos.

*Atmosfera: Uma História de Amor* é Taylor Jenkins Reid no seu melhor, ao transportar-nos para períodos e lugares icónicos, criando protagonistas complexos e contando uma história apaixonante e vertiginosa acerca do poder transformador do amor – desta vez, no meio das estrelas.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma  
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-896-7



9 789895 838967